FANZINE COMO RECURSO PEDAGÓGICO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL

EMEF Presidente Campos Salles

Renato Donisete Pinto[1]

Apresentação

Esta experiência com a utilização do fanzine nas aulas de Educação Física na *EMEF Presidente Campos Salles* vem sendo desenvolvida com as minhas turmas no Ciclo II do Ensino Fundamental desde o ano de 2008, junto com a transformação do projeto político pedagógico da escola. Criei os chamados *Cadernos de Estudos de Educação Física* com o objetivo de facilitar nos processos de ensino dos conteúdos trabalhados e dar sentido nas práticas pedagógicas, na busca de valorizar a cultura local.

Nesta perspectiva o fanzine foi um recurso didático eficiente, seja pela proximidade dos alunos com os temas propostos ou pelo formato atraente deste tipo de publicação.

Através desta publicação amadora eu tive total domínio do processo de elaboração, desde a coleta de informações, redação, diagramação, arte composição, além da impressão e distribuição. Isto favoreceu uma maior liberdade de criação e principalmente expressão.

Como mencionado por Nascimento (2010) o fanzine ainda é muito pouco utilizado na sala de aula. Neste estudo pretendo descrever minha a experiência com a utilização dos fanzines no meu cotidiano, em uma escola municipal situada nas proximidades da comunidade de Heliópolis, em São Paulo.

O que é fanzine?

O nome **Fanzine** é uma contração das palavras inglesas ***fan****atic maga****zine*** e significa revista do fã. Este nome foi criado em 1941 nos Estados Unidos por Russ Chauvenet. Desta forma, é toda publicação feita de forma amadora, sem intenção de lucro. É caracterizado pela paixão de seu editor por determinado assunto (Guimarães, 2005).

[1] Professor titular de ensino fundamental da EMEF Presidente Campos Salles desde 2005.

FICÇÃO

Ilustração 1 - capa de Ficção, primeiro fanzine do Brasil

O surgimento dos fanzines se deu mesmo antes da existência deste nome. Eles surgiram a partir de 1930 produzidos por leitores de ficção científica (Magalhães, 1993). No Brasil o registro que se tem é que o primeiro fanzine foi criado por Edson Rontani em Piracicaba (SP) no ano de 1965 com o nome de Ficção. Ele era impresso em mimeógrafo a álcool, variando entre dez e doze páginas. Sua tiragem era de aproximadamente trezentos exemplares (Magalhães, 1993). Ficção foi criado em função da necessidade da troca de informações, inspirado nas primeiras revistas de estudos sobre quadrinhos lançados na França no início dos anos 1960 (Magalhães, 2004).

Até então era denominado como *boletim,* só a partir de meados da década de 70 que o termo fanzine começou a ser utilizado. Nesta década os fanzines tornaram-se bastante populares com a explosão do movimento punk e o seu lema “faça você mesmo” (Bivar, 1982). Os assuntos abordados nos fanzines são os mais diversos possíveis, desde música, poesia, quadrinhos, até a já citada ficção científica (Guimarães, 2005). Qualquer tema pode ser desenvolvido em um fanzine.

Como produzir um fanzine?

Sua forma de produção abrange diversas etapas: começa com definir linha editorial, montar a edição, decidir a forma de impressão, até chegar ao resultado final que é a edição impressa pronta para ser distribuída e divulgada (Guimarães,

2005).

A forma mais simples de se fazer um original de fanzine é através da montagem de recortes de imagens, texto manuscrito, datilografado ou digitado colado numa folha de papel sulfite e depois reproduzido em fotocópias. O mais importante neste processo criativo é a personalidade que será dada à publicação, ou seja, única e autoral. Economia, experimentação, ousadia, irreverência e simplicidade continuam sendo o principal de toda produção (Lourenço, 2006).

Onde divulgar a publicação?

A forma de distribuição deste tipo de publicação geralmente é através de envio pelo correio. Guimarães (2005) conceitua que "distribuição é fazer a edição chegar ao seu leitor" (pág. 28). Além do envio pelo correio, alguns editores buscam alternativas. Desde vender a sua publicação de mão em mão em eventos com o público alvo; até colocar em bancas ou lojas especializadas.

Portanto não existe uma regra para se fazer a distribuição, o importante é fazer com que a publicação atinja seus interlocutores.

A importância dos fanzines impressos como recurso pedagógico na escola

Nos últimos anos a produção dos fanzines impressos tem aumentado bastante. Muito se tem falado deles como disseminador de cultura. Temas variados como poesia, movimento punk, cinema, quadrinhos têm se utilizado deste meio. O fanzine transmite informações e conseqüentemente produz cultura. Portanto ele será incorporado à cultura brasileira (Guimarães, 2005).

De maneira geral,

> *"o fanzine tem margeado a escola e, mesmo sendo de baixo custo, não o incluímos na sala de aula como um recurso pedagógico que possibilita o exercício da cidadania, da criatividade e da criticidade, além de ampliar o olhar ante as imagens que nos são postas." (Nascimento, 2010 pág. 123)*

Alguns educadores têm se convencido do quanto o fanzine tem a favorecer na aprendizagem e na melhora da auto-estima de seus alunos. Sem dúvida alguma o fanzine contribui para aproximação do aluno com produção escrita. Desta forma ele poderá melhorar sua forma de se expressar não só na escola como também

com os amigos, parentes. Tanto como produtor de fanzine quanto consumidor, pode ser um valioso exercício de leitura e escrita. Como produtor, possibilita o aluno se tornar o autor de sua obra e de se fazer ouvir. É importante que o aluno tenha clareza em saber quem são seus interlocutores. É um excelente meio de divulgação de idéias.

Vale destacar também as inúmeras possibilidades que a linguagem visual de um fanzine abrange. Podem ser utilizados recortes, textos manuscritos, digitados e datilografados, etc. A arte pode conter desenhos, fotos, recortes de revistas e jornais, etc. (Campos, 2009).

A autoralidade é uma questão muito importante no sentido que o individuo através da confecção de um fanzine torna-se o autor de sua obra e amplia sua expressão individual, indo no caminho inverso aos padrões criados pela sociedade industrial. Desta forma cada pessoa torna-se autor elaborando sua própria edição utilizando os formatos que julgar necessário e tratar de temas do seu gosto pessoal (Andraus, 2009).

Através do fanzine, além do estímulo da criatividade e do protagonismo na sala de aula, também pode-se trabalhar qualquer componente curricular, inclusive Educação Física, como veremos a seguir, de forma reflexiva, consciente e divertida (Campos, 2009).

> "Portanto, a pratica *zinesca* veicula formas de aprender, construindo e reconstruindo saberes que potencializem o poder de intervir como sujeitos pensantes no meio sociocultural."(Nascimento, 2010 pág. 125)

A *EMEF Presidente Campos Salles e seu projeto pedagógico*

Desde 1995, mais precisamente em 21 de novembro, com a chegada do seu diretor Brás Rodrigues Nogueira, a EMEF Presidente Campos Salles, situada no bairro de São João Clímaco e nas proximidades da favela de Heliópolis (Gallo, 2009) vem passando por transformações quanto ao seu projeto pedagógico, fortemente inspirado na experiência da Escola da Ponte de Portugal.

Na sua chegada o diretor se aproximou das lideranças comunitárias, na época representada pelo casal João Miranda Neto e sua esposa Genésia (Gallo, 2009),

e norteou as ações e atividades da unidade escolar em dois princípios:

1. Escola como centro de liderança na comunidade onde está inserida, e;
2. Tudo passa pela educação.

Com o avanço do projeto pedagógico em setembro de 2005 deu início a implementação da metodologia de ensino com base nos princípios da Escola da Ponte (Portugal). Desta forma agrupou mais três princípios norteadores:

1. Autonomia;
2. Responsabilidade, e:
3. Solidariedade.

Agora estes cinco princípios são vivenciados cotidianamente e respeitados em todas as ações promovidas pela escola.

Foram criados pelos professores roteiros de estudos para os alunos. Eles visam articular as áreas do conhecimento e as disciplinas. Estes roteiros estão amparados no documento “Expectativas de Aprendizagem” proposto pela Secretaria Municipal de Educação. Ele também leva em consideração os saberes e necessidades da comunidade e a inclusão da escola no mundo e este na escola.

Estruturalmente as mudanças começam com os alunos agrupados em mesas com quatro elementos, onde o grupo tem a autonomia de decidir qual disciplina irá estudar no dia. Todos os alunos da mesma série/ ano estudam em um único salão. Para as explicações dos roteiros, os alunos acompanham o professor da disciplina na sala de orientação de estudos, e lá tem todas as explicações e orientações específicas do componente. Voltando ao salão os alunos devem desenvolver as tarefas propostas e, em caso de dúvida, primeiramente deve se dirigir aos seus companheiros para tentar resolvê-la, se não conseguir deve pedir explicações para o professor que está no salão. Neste caso, o professor é um orientador para se buscar as soluções. Desta forma é possibilitado ao aluno a autonomia necessária para a resolução das atividades propostas nos roteiros. Estes roteiros, de maneira geral, têm duração de um mês.

Nesta dinâmica de estudos, a disciplina Educação Física buscou se adaptar a esta nova forma de trabalho.

Nosso entendimento da Educação Física na escola

O componente curricular Educação Física acompanhou este processo de mudança na instituição, distanciando das concepções construídas historicamente, tais como a médico higienista (corpo disciplinado, asséptico e sadio), a eugenista (formação de uma raça pura brasileira separando indivíduos aptos dos inaptos) e a esportivista (nacionalismo através do esporte, competição, seleção dos melhores, vitória a qualquer custo). Estas concepções sempre foram desprovidas de maiores reflexões. Sempre focadas no "fazer" com intenções de moldar aparência e comportamento social. Neste modelo o professor torna-se apenas um instrutor de atividade física aos mais aptos. O enfoque principal foi transferido para o conhecimento, amparado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira 9496 de 1996 que reconhece "a Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e as condições da população escolar...". Foi adotada a proposta que a Educação Física possua uma cultura corporal de movimento, cujo objetivo específico é a socialização de conhecimentos que permita o aluno otimizar suas potencialidades e possibilidades para movimentar-se de maneira habilidosa, como ter capacidades de agir no meio em que vive para buscar uma melhor qualidade de vida (Oliveira, 1992).

Com esta visão macro do componente Educação Física, na busca de roteiros de estudo com qualidade e que além dos conhecimentos e vivências específicas da área, também se articulasse com o seu entorno, no caso com a comunidade de Heliópolis, foi desenvolvido o *Caderno de Estudos de Educação Física*. Este caderno nada mais é que um fanzine produzido por mim com os temas específicos do componente curricular.

Fanzine como suporte pedagógico

Para atingir este objetivo criei o citado *Caderno de Estudos de Educação Física* utilizando o suporte dos tradicionais fanzines. Sendo o editor posso então ser considerado um aficcionado pelo universo da atividade física, cultura e movimento e seu público são os alunos da instituição. O formato utilizado desde o início é o meio-ofício ou A5, ou seja, uma folha de papel sulfite A4 dobrada ao meio (Todd & Watson, 2006). Desta forma torna-se um caderno de quatro páginas, assim

configurada:

a) Página 1. Capa do caderno com o mês, a série e o título do tema a ser abordado. Contém foto ou desenho para os alunos colorirem;

b) Página 2. História e introdução ao tema trabalhado e seu desenvolvimento;

c) Página 3. Continuação do desenvolvimento do tema.

d) Página 4. Finalização do desenvolvimento do tema. Referências do tema que foi pesquisado, questões para estudo e espaço para identificação do aluno (nome e número da mesa).

EDUCAÇÃO FÍSICA

EMEF Presidente Campos Salles

Nº 18 **Caderno de estudos de Educação Física**

2ª quinzena de Outubro de 2010.

RATATÁ F.C.
O futebol de várzea de Heliópolis.

História do futebol de várzea

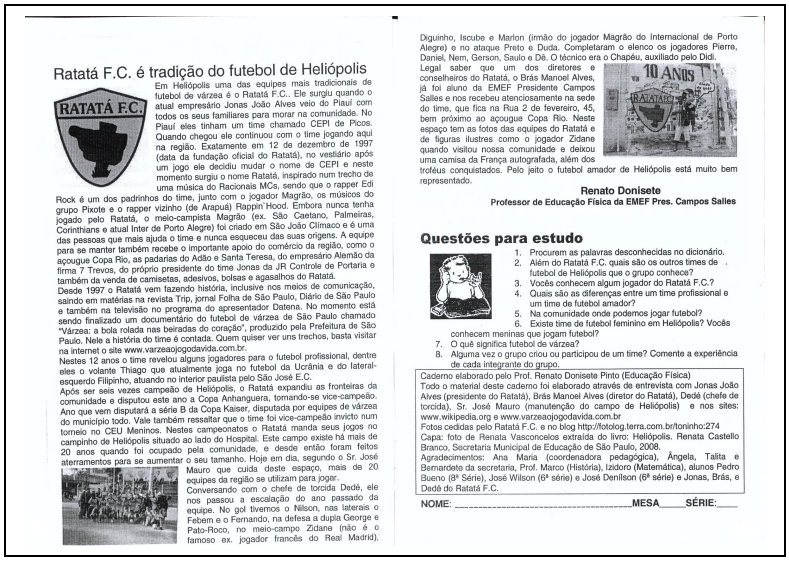
Surgiu a partir da prática do esporte bretão em campos feitos na várzea às margens do (rio Tietê), antes mesmo de haver profissionalismo no Brasil.
A organização desta prática amadora fez surgir os primeiros times, também conhecidos como "clubes de várzea"*. Estes clubes são, basicamente, sociedades informais que funcionam como ponto de encontro de amigos para os fins de semana.
Grandes craques do futebol brasileiro e do mundo foram revelados na várzea, ratificando o bom nível técnico apresentado pelos times da várzea no passado. Hoje ainda há relatos de jogadores vindos destes clubes, mas são raríssimos, pois os clubes profissionais investiram muito na estrutura de suas categorias de base. Porém, o perfil do jogador varzeano é de uma pessoa que trabalha em carga horária completa que eventualmente faz outra atividade física ou de ex-jogadores profissionais. Há ainda, jogadores que chegaram a ser profissionais, mas não conseguiram continuidade em suas carreiras e vivem de eventuais prêmios pagos pelos clubes varzeanos por participações em alguns torneios amadores.

O esporte hoje

Apesar do grande crescimento da cidade, muitos campos de várzea sobrevivem graças aos esforços de clubes e comunidades locais, que veêm no futebol uma forma de encontrar os amigos para descontrair aos finais de semana e de manter as crianças da comunidade em uma atividade esportiva ativa no tempo livre durante a semana, ajudando assim a construir o caráter e a personalidade de jovens, especialmente em comunidades carentes.
Infelizmente com mais facilidade a tecnologia e informática, muitos jovens de classe média e alta tem mostrado cada vez menos interesse em praticar esportes, o que restringe - cada dia mais – a prática do futebol de várzea às periferias pobres da cidade.
Porém o Futebol de várzea, por ser uma grande tradição do povo brasileiro, jamais deixará de existir, pois encontra ainda apoio de entidades públicas e privadas, que através de incentivos na manutenção de campos e equipes de futebol, e realização de torneios, festivais e campeonatos sempre atraentes, mantém viva a chama do esporte bretão no coração dos brasileiros.

Futebol de várzea é uma denominação brasileira, típica do estado de São Paulo, convencionada ao futebol praticado de forma amadora e organizada.

Ilustração 2 Capa e página 1 do Caderno de Estudos de Educação Física (2010)



Ratatá F.C. é tradição do futebol de Heliópolis

Em Heliópolis uma das equipes mais tradicionais de futebol de várzea é o Ratatá F.C.. Ele surgiu quando o atual empresário Jonas João Alves veio do Piauí com todos os seus familiares para morar na comunidade. No Piauí eles tinham um time chamado CEPI de Picos. Quando chegou ele continuou com o time jogando aqui na região. Exatamente em 12 de dezembro de 1997 (data da fundação oficial do Ratatá), no vestiário após um jogo ele decidiu mudar o nome de CEPI e neste momento surgiu o nome Ratatá, inspirado num trecho de uma música do Racionais MCs, sendo que o rapper Edi Rock é um dos padrinhos do time, junto com o jogador Magrão, os músicos do grupo Pixote e o rapper vizinho (de Arapuã) Rappin Hood. Embora nunca tenha jogado pelo Ratatá, o meio-campista Magrão (ex. São Caetano, Palmeiras, Corinthians e atual Inter de Porto Alegre) foi criado em São João Clímaco e é uma das pessoas que mais ajuda o time e nunca esqueceu das suas origens. A equipe para se manter também recebe o importante apoio do comércio da região, como o açougue Copa Rio, as padarias do Adão e Santa Teresa, do empresário Alemão da firma 7 Trevos, do próprio presidente do time Jonas da JR Controle de Portaria e também da venda de camisetas, adesivos, bolsas e agasalhos do Ratatá.
Desde 1997 o Ratatá vem fazendo história, inclusive nos meios de comunicação, saindo em matérias na revista Trip, jornal Folha de São Paulo, Diário de São Paulo e também na televisão no programa do apresentador Datena. No momento está sendo finalizado um documentário do futebol de várzeas de São Paulo chamado "Várzea: a bola rolada nas beiradas do coração", produzido pela Prefeitura de São Paulo. Nele a história do time é contada. Quem quiser ver uns trechos, basta visitar na internet o site www.varzeaojogodavida.com.br.
Nestes 12 anos o time revelou alguns jogadores para o futebol profissional, dentre eles o volante Thiago que atualmente joga no futebol da Ucrânia e do lateral-esquerdo Filipinho, atuando no interior paulista pelo São José E.C.
Após ser seis vezes campeão de Heliópolis, o Ratatá expandiu as fronteiras da comunidade e disputou este ano a Copa Anhanguera, tornando-se vice-campeão. Ano que vem disputará a série B da Copa Kaiser, disputada por equipes de várzea do município todo. Vale também ressaltar que o time foi vice-campeão invicto num torneio no CEU Meninos. Nestes campeonatos o Ratatá manda seus jogos no campinho de Heliópolis situado ao lado do Hospital. Este campo existe há mais de 20 anos quando foi ocupado pela comunidade, e desde então foram feitos aterramentos para se aumentar o seu tamanho. Hoje em dia, segundo o Sr. José Mauro que cuida deste espaço, mais de 20 equipes da região se utilizam para jogar.
Conversando com o chefe de torcida Dedé, ele nos passou a escalação do ano passado da equipe. No gol tivemos o Nilson, nas laterais o Febem e o Fernando, na defesa a dupla George e Pato-Roco, no meio-campo Zidane (não é o famoso ex. jogador francês do Real Madrid).

Digu inho, Iscube e Marlon (irmão do jogador Magrão do Internacional de Porto Alegre) e no ataque Preto e Duda. Completaram o elenco os jogadores Pierre, Daniel, Nem, Gerson, Saulo e Dê. O técnico era o Chapéu, auxiliado pelo Didi.
Legal saber que um dos diretores e conselheiros do Ratatá, o Brás Manoel Alves, já foi aluno da EMEF Presidente Campos Salles e nos recebeu atenciosamente na sede do time, que fica na Rua 2 de fevereiro, 45, bem próximo ao açougue Copa Rio. Neste espaço tem as fotos das equipes do Ratatá e de figuras ilustres como o jogador Zidane quando visitou nossa comunidade e deixou uma camisa da França autografada, além dos troféus conquistados. Pelo jeito o futebol amador de Heliópolis está muito bem representado.

Renato Donisete
Professor de Educação Física da EMEF Pres. Campos Salles

Questões para estudo

1. Procurem as palavras desconhecidas no dicionário.
2. Além do Ratatá F.C. quais são os outros times de futebol de Heliópolis que o grupo conhece?
3. Vocês conhecem algum jogador do Ratatá F.C.?
4. Quais são as diferenças entre um time profissional e um time de futebol amador?
5. Na comunidade onde podemos jogar futebol?
6. Existe time de futebol feminino em Heliópolis? Vocês conhecem meninas que jogam futebol?
7. O quê significa futebol de várzea?
8. Alguma vez o grupo criou ou participou de um time? Comente a experiência de cada integrante do grupo.

Caderno elaborado pelo Prof. Renato Donisete Pinto (Educação Física)
Todo o material deste caderno foi elaborado através de entrevista com Jonas João Alves (presidente do Ratatá), Brás Manoel Alves (diretor do Ratatá), Dedé (chefe de torcida), Sr. José Mauro (manutenção do campo de Heliópolis) e nos sites: www.wikipedia.org e www.varzeaojogodavida.com.br
Fotos cedidas pelo Ratatá F.C. e no blog http://fotolog.terra.com.br/toninho:274
Capa: foto de Renata Vasconcelos extraída do livro: Heliópolis. Renata Castello Branco, Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2008.
Agradecimentos: Ana Maria (coordenadora pedagógica), Ângela, Talita e Bernardete da secretaria, Prof. Marco (História), Izidoro (Matemática), alunos Pedro Bueno (8ª Série), José Wilson (6ª série) e José Denilson (6ª série) e Jonas, Brás, e Dedé do Ratatá F.C.

NOME: _____MESA_____SÉRIE:____

Ilustração 3 página 3 e 4 do Caderno de Estudos de Educação Física (2010)

Seu modo de impressão é através de fotocópias a partir de uma matriz do original. Estas fotocópias são produzidas pela instituição que possui equipamento próprio. A fotocópia é feita em frente-e-verso da folha de papel sulfite para formar

as quatro páginas já mencionadas.

As capas destes *Cadernos de Estudos de Educação Física*, ou apresentam desenhos para serem coloridos ou apresentam fotos ilustrativas do tema estudado. Algumas capas ficaram bastante interessantes. No caderno de Estudos da 5ª série do Ensino Fundamental de março de 2009 apresenta uma foto dos alunos William Guedes de Oliveira, Ana Paula Vieira de Almeida e Nataly Leandra Silva de Lima fazendo alongamento muscular, tema desenvolvido na primeira quinzena. Estes mesmos alunos aparecem no interior do Caderno número 3 de março de 2009 cujo tema foi "Movimento se aprende". Na capa do caderno número 11, de setembro de 2009, é ilustrado como uma foto minha participando de uma corrida de rua na comunidade de Heliópolis. Este caderno trata das corridas de rua, desde a sua história e até como se preparar e evitar lesões.

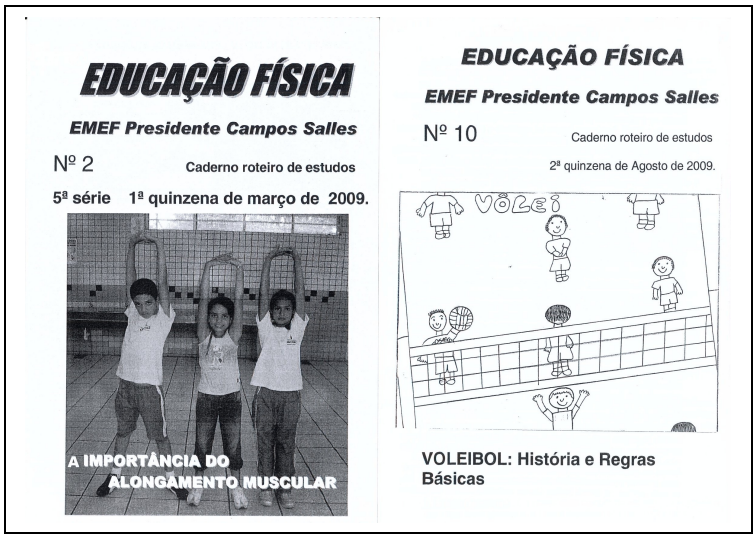


Ilustração 4 Capas dos Cadernos de Estudos nº2 e nº 10 (2009)

Esta edição teve a intenção de divulgar a já tradicional corrida popular de Heliópolis, cujo trajeto circunda a comunidade em 6 km que devem ser percorridos pelos participantes. Discutindo o futebol de várzea, no caderno número 15 de novembro de 2009, é apresentada a história da equipe mais popular da comunidade, o Ratatá Futebol Clube.

No ano seguinte, em abril de 2010, o caderno número 5 da 7ª série do ensino fundamental trata da modalidade esportiva coletiva Voleibol, a ilustração da capa ficou por conta da ex. aluna Alessandra dos Santos Marques que desenvolveu um belo desenho de crianças jogando a modalidade. No último caderno do ano, o número 20 de dezembro apresentou as ações da disciplina educação física na

Mostra Cultural realizada na unidade escolar, como também documentou a visita dos alunos na 29ª Bienal de São Paulo realizada nos dias 29 e 30 de novembro.
No 2º Anuário de Fanzines, Zines e Publicações Alternativas estes Cadernos de Estudos foram resenhados por um dos redatores, o Márcio Sno, também pesquisador de fanzines e produtor do documentário *Fanzineiros do Século Passado*. Ele escreveu o seguinte:

> *"Existe uma diferença muito grande entre professor e educador. Geralmente professor de educação física de escola pública dá uma bola pros moleques jogar futebol e pronto. Mas tem aqueles que são educadores, como Renato Donisete, aquele mesmo do Aviso Final. Ele dá aulas em uma escola pública e, com a sua experiência de mais de duas décadas como zineiro, fez um fanzine mensal para seus alunos, sempre com temas pertinentes às atividades e projetos desempenhados em quadra. Por ter circulado no ano passado, boa parte dos temas são relacionados à Copa do Mundo de Futebol, mas também é possível encontrar tópicos como cuidados com o corpo, regras de esportes e histórias das modalidades, inclusive alguns destes assuntos são interdisciplinares, pois de acordo com o tema, pede para seus alunos pesquisarem junto aos professores de História, Matemática e Geografia. Destaque para a edição sobre futebol de várzea que é fantástica! Queria muito que meu professor de Educação Física fosse assim..."*

(2º Anuário de Fanzines, Zines e Publicações Alternativas, página 12).
Alguns alunos colecionam estas edições, mostrando o interesse neste tipo de publicação. No momento já estão elaborando as capas das futuras edições.

Considerações Finais

Os fanzines desde o início dos anos 1930 sempre foram excelentes meios de comunicação independente dos meios formais. Incorporado como recurso pedagógico em sala de aula apresentou uma série de benefícios. O primeiro deles se refere a autoralidade, ou seja, quem produz um fanzine é autor de sua obra. De maneira geral, pode ser trabalhado em diversos níveis de ensino, desde a educação básica até o ensino superior, como também transitar em qualquer componente curricular, inclusive nas aulas de Educação Física como relatado nesta experiência. Eu me utilizei deste formato fanzine para tratar questões pertinentes a comunidade escolar inserida, onde o movimento humano tenha sentido e significado, buscando "tematizar as manifestações da cultura corporal sem qualquer espécie de discriminação" (Neira & Uvinha, 2009). Desta forma as vivências práticas na quadra de esportes ou em qualquer outro espaço da comunidade apresentam relevância social. A adesão dos alunos na realização das tarefas é um indicador da eficácia do trabalho. Os alunos querem saber quando fica pronto o próximo caderno de estudos e qual o tema a ser tratado. Acredito que o fanzine se tornou uma alternativa viável como recurso pedagógico da área de Educação Física.

Referências Bibliográficas

ANDRAUS, Gazy. A independente escrita-imagética caótico-organizacional dos fanzines: para uma leitura/feitura autoral criativa e pluriforme. Trabalho apresentado ao Eixo 14 – Escritas, imagens e criação. Diferir no 17º COLE. Campinas, julho de 2009.

BIVAR, Antonio*. O que é punk*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. *Fanzine*: da publicação independente à sala de aula. Pôster apresentado no III Encontro Nacional sobre Hipertexto. Centro de Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

GALLO, Márcia. A parceria presente: a relação família –escola numa escola da periferia de São Paulo. São Paulo: LCTE Editora, 2009.

GUIMARÃES, Edgar. *Fanzine*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

LOURENÇO, Denise. Fanzine: procedimentos construtivos em mídia tática impressa. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo:

PUC, 2006.

MAGALHÃES, Henrique. *O que é fanzine.* São Paulo: Brasiliense,1993.

_____. *A nova onda dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

NASCIMENTO, Ioneide Santos do. Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico. In: Muniz, C. (Org). *Fanzines* autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: edições UFC, 2010. p. 121-133.

NEIRA, Marcos Garcia; UVINHA, Ricardo Ricci. Cultura corporal: diálogos entre a educação física e lazer. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, José Guilmar M (org.). O ensino da educação física na educação básica: relações com a Antropologia. São Paulo: CEPEUSP, 1992.

TODD, Mark; WATSON, Esther Pearl. *Watcha mean, what´s a zine?*: the art of making zines and mini-comics. Boston: Graphia, 2006.

2º ANUÁRIO DE FANZINES, ZINES E PUBLICAÇÕES ALTERNATIVAS. São Paulo: Ugra Press, 2012.